

PORTUGAL: OS BRANDOS COSTUMES

por Mário Soares

É frequente dizer-se que Portugal é o país dos "brandos costumes". Sob certos aspectos é verdade. É um país amável e extremamente acolhedor para os estrangeiros. Habitualmente, tudo se passa sem violência física, embora às vezes com alguns excessos verbais. Tivemos uma excepção grave no princípio do século XIX, imediatamente após as invasões francesas e a Revolução Liberal (1820-22). Foi a guerra civil extremamente cruenta em que nos envolvemos (1830-1834), entre absolutistas e liberais.

No entanto, já a Revolução Republicana, em 1910, foi rápida e pouco violenta. A contra-Revolução, que conduziu à Ditadura Militar (1926), foi praticamente um passeio militar. Embora o salazarismo, que lhe sucedeu e durou quase meio século, tivesse sido altamente repressivo, sempre de forma hipócrita e escondida. Não esqueçamos o assassinato de Humberto Delgado, candidato à Presidência da República e vítima de uma fraude eleitoral - "o general sem medo" - assassinado pela PIDE junto à fronteira portuguesa, do lado espanhol, em 1961, às ordens de Salazar, o Campo de Concentração do Tarrafal, onde tantos antifascistas morreram de maus tratos, as guerras coloniais, onde houve massacres de populações, com bombas de napalm, e tantos outros actos de violência inútil e condenável.

No entanto, a Revolução dos Cravos (Abril de 1974), que destruiu o regime ditatorial de Salazar e Caetano, foi uma revolução em que tudo mudou por forma pacífica. Praticamente sem mortos nem feridos. Concedeu-se a independência a todas as Colónias, acabou-se com as guerras coloniais e com o colonialismo, num prazo record, como primeira condição para a institucionalização de uma democracia pluralista, passando daí para a adesão à então CEE (1985) e para a implementação de políticas, mais ou menos acertadas, de desenvolvimento. Uma "revolução de sucesso, como tem sido reconhecido por historiadores e politicólogos de diversos países.

Nos trinta e dois anos que passaram, desde então, Portugal viveu em paz, total liberdade e democracia plena, construindo um regime político de grande consensualidade e aparente solidez. E, assim, mais uma vez, nacionais e estrangeiros louvaram, com frequência, os nossos "brandos costumes".

Não se apagou a memória, mas alguma coisa terá falhado, em termos de educação cívica democrática, para que tenha sido possível à televisão pública oficial (RTP-I) publicitar e lançar para o ar, há poucos dias, com grandes e dispendiosos meios mediáticos, um programa dito de entretenimento intitulado os "dez melhores portugueses de todos os tempos", em que ao lado de figuras históricas puseram personalidades do século passado e entre elas, Salazar e Cunhal...

O programa que devia ser um divertimento puro e simples, semelhante a outros ocorridos no Reino Unido e em França, não foi. Deve ter sido de algum modo manipulado, e veio a dar a vitória - imagine-se! - a Salazar. O voto foi feito por telefone e qualquer pessoa podia votar, as vezes que quisesse, fazendo diferentes chamadas, sendo o controle pouco transparente. Um escândalo e uma vergonha, pelas repercussões que teve, em Portugal e no estrangeiro. Mas que, sem lhe dar importância, que não tem, convém não menosprezar. Tanto mais que, ao mesmo tempo, surgiu a ideia de fazer um Museu de Salazar, em Santa Comba Dão, sua terra natal e, apareceram cartazes xenófobos em Lisboa de um partido nacional renovador (que ninguém conhece), dizendo: "Basta de imigração - nacionalismo é solução"! São coincidências a mais...

Sucede que a Direita portuguesa - os partidos PPD/PSD e CDS/PP, não há outros - nunca se atreveu a reclamar-se do salazarismo. O primeiro, que é mais um partido do Centro Direita, está numa difícil situação, com a liderança muito contestada e sem rumo seguro. O segundo, está profundamente dividido, com cenas e conflitos políticos pouco edificantes, que não auguram um futuro risonho.

Por outro lado, o Governo completou dois anos e é assegurado pelo PS, Esquerda e Centro Esquerda, que é maioritário e vive em regime de coabitação pacífica com o actual Presidente Cavaco Silva (Centro Direita). As sondagens são-lhe em absoluto favoráveis quanto ao futuro próximo. O regime português é semi-presidencial, como se sabe. Isso faz com que a Direita pura e dura, comece a dar sinais de excessiva crispação, senão de desespero. Porque vê o terreno que conduz ao poder a escapar-se-lhe num horizonte esfumado... O que pode de algum modo, explicar as coincidências e algumas crispações da Direita.

Entretanto, a União Europeia, com a presidência da Chanceler Merkel, parece querer recuperar o fôlego perdido o que é muito positivo e será nesse quadro que a presidência portuguesa terá lugar, a partir de Julho de 2007. Esperemos que a situação interna deixe de estar tão crispada e se ocupe mais dos grandes problemas que estão em debate na União e que afectam todos os Estados membros, portanto Portugal. É a chamada agenda de Lisboa, lançada durante a presidência portuguesa do Governo Guterres, que volta a estar em jogo: compatibilizar a competitividade europeia, fundamental em tempo de globalização, com o modelo social e ambiental europeu. Para além, claro, do necessário aprofundamento institucional, com o regresso ao Tratado Constitucional, com ou sem emendas.

Relativamente a Portugal, há que não deixar apagar a memória da Ditadura, mediante uma intensa educação democrática. Para que o infeliz voto televisivo salazarista seja um fait divers sem consequências - não merece mais - e se esqueça, como a espuma das coisas ou do tempo...

Lisboa, 27 de Março de 2007